**Apoio:**

**Patrocínio:**

**Realização:**

# A VIAGEM DE UMA NUVEM

# A VIAGEM DE UMA NUVEM

Via-se no alto do céu uma nuvem imóvel. Ali estava de sentinela para evitar que deslizasse o mais insignificante raio de sol para a terra. E que os habitantes da terra, os homens, se tinham tornado novamente maus, e, para castigo de seus crimes e pecados, Deus resolvera privá-los durante quatorze dias do calor e da luz do sol.
A tal nuvem era de cor cinza-prateada, vaporosa e fina, e tinha o feitio de um elegante veado. Disso ela ficava muito vaidosa, sobretudo quando comparava suas formas com as formas grosseiras de suas colegas, as outras nuvens, com seus ventres inchados que pareciam cúpulas de igreja, e suas trombas de elefante.
Pois bem: transcorridos os quatorze dias, ela teve de voltar para o seu lar, a casa das nuvens, e ali esperar que a chamassem para fazer nova guarda.
Pelo caminho se encontrou casualmente com uma

calhandra que, como fadas as calhandras, estava alegre e cantava uma canção muito divertida, lá em cima, na solidão do ar.
- Como é possível - disse a nuvem - que alguém cante tão alegremente, se a vida é tão atrozmente aborrecida?
- Aborrecida? - replicou a calhandra. Nada disso, querida nuvem; compreendo, não resta dúvida, o teu aborrecimento, obrigada como és a permanecer no mesmo local, e sempre à espreita; mas eu. . . eu passeio, voando e revoando, vejo e ouço coisas muito bonitas e muito divertidas. Não podes imaginar o quanto é bonito o mundo, e como podem ser bons e amáveis os homens. . . Tão bons e tão amáveis, que eu me sinto muito feliz de estar no meio deles, e todas as tardes dedico dois gorjeios a agradecer a Deus por ter-me deixado enxergar todas as coisas. Eh, vem comigo, boa nuvem, e faremos uma viagem em boa companhia. Deste modo reconhecerás, acho eu, que a vida não é tão aborrecida como dizes.
- Ai, que pena tenho dos homens, amiga calhandra! - replicou a nuvem. - São todos iguais, todos fazem a mesma coisa: comem, bebem, dormem e finalmente morrem! Não me digas que isto não é deveras enfadonho!
- Oh, coitadinha de ti, nuvem! - disse com um belo gorjeio a calhandra. - Que sabes a este respeito? Dos homens depende a dita e a felicidade de todos os outros sêres que povoam o mundo; eles são tão bons, que quando me ouvem preludiar uma canção alegre, olham para o céu agradecidos, e seus rostos se tornam brilhantes e luminosos como o sol. Então

meu coração salta de contentamento, dentro do peito. Outras vezes, eu entôo o hino do desejo, e então eles arregalam muito os olhos e olham para longe, como perdidos; esquecem repentinamente suas tarefas diárias e sentem a presença do que é grande e terno. E eu, que lhes dou este prazer, desfruto as delícias de quem faz o bem. Pergunto agora: pode isto chamar-se aborrecimento?
A nuvem refletiu e disse:
- Ah, se eu também pudesse fazer isso!. . .
- Claro que podes - replicou a calhandra. - Basta que empreendas uma viagem comigo.
- Está bem, - assentiu a nuvem - sairei contigo. Tenho três semanas de folga, que é exatamente o tempo daqui até a próxima guarda. Quando partimos?
- Agora mesmo - disse a calhandra. - Eu guiarei e tu me seguirás.
Puseram-se a andar - a voar, quero dizer. Depois de algum tempo ouviram embaixo um grande rumor. Olharam e viram um homem deitado no chão, enquanto o outro apoiava em seu peito um dos joelhos, com uma grande faca na mão.
- Sê generoso e não me tires a vida, - implorava o que estava no chão - tenho em casa seis filhos que sustento com o trabalho de minhas mãos. Se me matares, eles morrerão de fome; perecerão miseravelmente; tem compaixão deles.
- Não, - respondeu o ladrão, pois era um ladrão, o que queria assassiná-lo - tens de morrer, porque senão vais denunciar-me. Só os mortos não podem falar.
- Então - insistiu o outro - deixa-me ao menos fazer

uma pequena oração, porque não quero chegar à presença de Deus sem me haver preparado.
- Está bem, - disse o ladrão - faz tua oração, se queres; concedo-te o tempo de chegar aquela nuvem cinza-prateada que vês lá em cima, e que parece caminhar em nossa direção. No momento em que ela chegar, te matarei. Trata de apressar-te, portanto.
A nuvem, que tinha ouvido esta conversa, foi espalhando-se devagarinho, até se tornar um fino vapor transparente, de modo que na terra quase não se via nada dela. O ladrão largou o homem, e lhe saltaram lágrimas dos olhos.
- O dedo de Deus está aqui - exclamou ele. Deus quis convencer-me do quanto sou mau e desprezível. Perdoa-me, bom homem; daqui por diante serei fiel e honesto. Achas que posso ser assim?
- Sem dúvida! - respondeu o outro. - E eu te ajudarei a conseguir isto. Resolve-te a trabalhar, que é a primeira condição para ser homem honesto, e se quiseres, poderás trabalhar como criado na minha própria casa.
- Oh, como és bom, como és nobre! - replicou o bandido, e beijando as mãos do outro, acrescentou:
- Hoje começo vida nova!
Ambos seguiram o mesmo caminho, palestrando como bons amigos, quase felizes com aquela amizade. Dali a algum tempo se detiveram, puseram-se de joelhos, levantaram as mãos para o céu e exclamaram:
- Mil vezes te agradecemos, amável nuvem: a ti devemos a paz e a vida; nunca te esqueceremos.

A nuvem sentiu que penetravam em seu íntimo as palavras daqueles homens, e elas lhe causaram um efeito semelhante ao que sentiu quando pela primeira vez recebeu o beijo do sol. Dirigindo-se à calhandra, disse-lhe:
- Tens razão. O mundo realmente não é tão aborrecido como eu imaginava.
As viajantes continuavam seu caminho, quando ouviram um leve cochicho na terra. Espiaram, e viram um rapaz e uma moça que, de mãos dadas, andavam vagueando por campos e outeiros.
- Meu amor! - ouviram o rapaz dizer. - Vamos casar amanhã? Já estás adiando demais este casamento!
- Sabes muito bem que não pode ser - respondeu a jovem. - Titia, que conhece muito bem o futuro, nos disse, lembra-te bem, de que só se consegue a felicidade e uma vida de venturas num dia de céu limpo e de ar claro e transparente. Vês aquela nuvem cinza-prateada lá no firmamento? Temos de esperar que ela desapareça; é preciso paciência. . .
Ouvindo isto, a nuvem subiu, até chegar ao mar do sol. Este mar fica no céu, e nele o sol, ao voltar depois do seu passeio diário, se olha e se limpa da poeira da caminhada.
Nesse mar mergulhou a nuvem, e no mesmo instante se tornou cor-de-rosa. Ao vê-la, o rapaz se alegrou e disse:
- Olha, meu amor, não vês lá em cima a nuvem cor-de-rosa? O dia está amanhecendo claro e cheio de sol. Vamos casar amanhã?
- Sim, amanhã está bem - respondeu enlevada a jovem, e lançou-lhe os braços ao pescoço; os dois se beijaram e continuaram o caminho, felizes e

abraçados, até chegarem em casa.
- Tinhas razão, querida calhandra, - disse a nuvem - há muita variedade e muita alegria no mundo.
Como resposta a calhandra saltou um trinado que ressoou pelo ar afora, demoradamente. No dia seguinte as duas viajantes ouviram uns fortes passos, ressoando na terra. Olharam e viram um pelotão de soldados, que entrava como inimigo no país.
- Hurra, pessoal! - dizia o que os mandava.
- Vêem lá em cima aquele castelo? Nele há ouro e prata, assim como grande quantidade de provisões. Vamos assaltá-lo! Faremos prisioneiros o conde e a família dele, os prenderemos e os levaremos ao nosso rei.
De fato, lá ao longe brilhava, como uma mancha branca de neve, o castelo. O conde, com sua linda esposa e dois filhos, estava no terraço, contemplando o horizonte, quando chegou a tropa. O conde olhou-a sombrio, porque pressentia a sua desgraça. A condessa ficou com os olhos cheios de lágrimas, e as duas crianças se esconderam correndo no colo da mãe.
Então a nuvem desceu à terra e se estendeu, como uma impenetrável neblina, diante dos inimigos, que, perdendo o caminho, andaram de cá para lá, sem direção, e não tiveram outro remédio senão se retirarem. A nuvem, em forma de compacta névoa, permaneceu na terra até os soldados desaparecerem à distância. Depois subiu de novo para o ar. E ouvindo como riam e tagarelavam as crianças, se voltou para a calhandra e disse:
- É bonita a vida, calhandra; que bom, fazer

o bem! Como os homens o agradecem!
A seguir passaram por cima de um campo, onde viram um lavrador que, triste e pensativo, olhava para longe sem ver nada. Dizia de si para si: "Tudo inútil. . . Estou esperando há tantas semanas, e daqui a pouco já será tarde. . . O trigo está crescendo, o solo queima e o resseca, de modo que não pode amadurar. . . Pobre, infeliz de mim! Se não encher os celeiros, não poderei pagar juros nem impostos. . . Teremos de abandonar a casa e ir embora para o estrangeiro. . . teremos de emigrar! Por que será que mereci tamanha desventura?"
Mal acabava de pronunciar estas palavras, lhe caíram no rosto umas pesadas gotas. No mesmo instante se viu a nuvem se enrolar, encolhendo-se, e deixar cair uma chuva copiosa e fecunda, que regou os campos.
O lavrador levantou as mãos para o céu e exclamou:
- Oh, nuvem, minha boa nuvem! Só a ti devo ter escapado da miséria!
- Irmã calhandra, - disse então a nuvem - como me fizeste feliz, e como saio contente da tua companhia! Os homens são realmente como nós os queremos! A felicidade deles é a nossa felicidade, os sofrimentos deles são os nossos sofrimentos. Nunca mais hei de achar o mundo aborrecido!

**FIM**